



“ANTES QUE ABRAÃO EXISTISSE, EU SOU”: A AUTORREVELAÇÃO DE JESUS NO ÚLTIMO DIA DA FESTA DAS TENDAS

Francisco Márcio Bezerra dos Santos¹

Resumo

Uma vez que os seguidores de Jesus reconheceram nele o Messias esperado por Israel, muitos fizeram os esforços para associá-lo ao personagem enigmático que nutria a esperança judaica desse período. Para isso, apresentaram-no a partir de vários elementos fixados pela tradição judaica. De fato, os evangelhos condensam vários títulos, tradições e reflexões acerca da identidade messiânica de Jesus. Nosso objetivo é apresentar um dos momentos mais relevantes da revelação messiânica no quarto evangelho: a Festa das Tendas, mais especificamente o seu último dia. De início delimitaremos o nosso texto e o localizaremos na segunda parte do Livro dos Sinais (Jo 1,19-12,19), excluindo a perícopé da mulher adúltera (7,53-8,11), uma vez que rompe a harmonia do texto dividindo os dois principais símbolos da Festa, a água e a luz. Em seguida, abordaremos a identidade de Jesus como preocupação fundamental da perícopé e algumas questões e dúvidas que a problemática suscita (Jo 7,37-52). No terceiro momento, apontaremos Jesus como luz em meio às trevas, enfatizado o caráter revelatório desta identificação (8,12-30). Por fim, apontaremos a autorrevelação contida em Jo 8,58 como ápice da manifestação messiânica de Jesus na Festa das Tendas. A partir do percurso traçado, reconheceremos a apropriação, feita por Jesus, de alguns elementos da festa para revelar-se como o ungido do Pai. Contudo, essa revelação transcende a questão da messianidade, deixando transparecer sua pré-existência e sua divindade.

Palavras-chave: Messias. Autorrevelação. Festa das Tendas. Eu sou.

INTRODUÇÃO

A identidade messiânica de Jesus foi um dos principais pontos de conflito entre o cristianismo nascente e o judaísmo do primeiro século. Contudo, não fora renunciado ou mesmo relativizado pelos primeiros cristãos. Prova disso é a presença e a insistência do tema nos escritos neotestamentários. No evangelho de João, o tema aparece em vários momentos (cf. Jo 3,22-36; 4,25; 10,22-39 etc.).

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Pesquisador do grupo “A Bíblia em leitura cristã” – FAJE, professor visitante da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). fcomarciofni@hotmail.com.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

Uma das ocasiões que merece destaque é a Festa das Tendias (cf. Jo 7,1–10,21), na qual aparece não somente a messianidade de Jesus, mas também sua estreita relação com o Pai que o enviou. Essa festa possui um caráter messiânico, reconhecido pelo Antigo Testamento (cf. Zc 14), que foi aproveitado pelo autor do quarto evangelho. Embora a Festa das Tendias carregue o caráter messiânico em sua integralidade, vamos nos ater às autorrevelações do último dia, designado como o mais solene da festa (Jo 7,37).

Inicialmente, localizaremos a perícopie no evangelho de João e demarcaremos seus limites. A seguir, abordaremos a identidade messiânica de Jesus como uma preocupação fundamental para o bloco (Jo 7,37-52). No terceiro momento trataremos do conflito entre Jesus, luz do mundo, e seus interlocutores (Jo 8,12-30). Por fim, apresentaremos o ápice da revelação neste bloco, segundo a qual Jesus aplica a si mesmo a expressão revelatória de Ex 3,14.

1 LOCALIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEXTO

Tendo em mente a divisão do evangelho de João em duas partes, a saber: “o livro dos sinais” (1,19–12,19) e “a hora da glória” (13–20), podemos localizar o bloco sobre a Festa das Tendias na primeira parte. Por sua vez, o “Livro da glória” pode ser subdividido em duas seções, a saber, “Os *Primórdios*” (1,19–4,54) e “A obra de Jesus e o conflito com o judaísmo” (5,1–12,50)², o situamos na segunda parte. Embora a Festa das Tendias seja apresentada de 7,1–10,21, nos ocuparemos apenas da primeira parte do último dia de celebração, mais especificamente até a tentativa de apedrejar Jesus (7,37–8,59). Vale ressaltar que, embora a perícopie do cego de nascença pareça fazer parte deste “último dia”, não será objeto de nosso estudo.

² Cf. KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João: Amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 181.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

102

Falando especificamente do recorte que nos cabe, vemos que em 7,37 existe uma clara indicação sobre a chegada do último dia da festa, de modo que não há dúvidas sobre o início do texto. Entretanto, não podemos falar com a mesma simplicidade sobre o seu final. A princípio, excluimos o critério cronológico, tendo em vista que a cura do cego de nascença parece acontecer no mesmo dia. Preferimos usar critérios narrativos que indicam a mudança de cenário e de personagens, pois a retirada de Jesus do Templo, os novos personagens e o novo cenário que aparecem em 9,1 ajudam a marcar uma nova perícopes.

Portanto, trataremos do texto que vai de 7,37–8,59 enfatizando o caráter autorrevelatório de Jesus frente à descrença de muitos dos judeus. Porém, é primordial salientar a presença de um “corpo estranho” dentro desse intervalo: a perícopes da mulher adúltera (7,53–8,11)³. Esta perícopes surge repentinamente, interrompendo os discursos entre Jesus e os judeus, assim como a harmonia entre os dois grandes símbolos da Festa das Tendas: a água (cf. 7,37) e a luz (cf. 8,12). Tendo em vista que a perícopes da mulher adúltera deve ser tratada separadamente, não fará parte de nossa pesquisa.

2 A PREOCUPAÇÃO FUNDAMENTAL: A IDENTIDADE DE JESUS (JO 7,37-52)

De início, o texto parece ter como pano de fundo a pergunta fundamental sobre a identidade de Jesus. As várias discussões seguem sempre por este caminho, buscando elucidar quem seria ele (cf. Jo 8,25). O próprio Jesus responde várias vezes esta pergunta: ele é fonte de água viva (Jo 7,37-38), é a luz do mundo (Jo 8,12), a verdade (Jo 14,6) é a videira verdadeira (Jo 15,1) é o Enviado (Jo 20,21) etc. Todavia, os interlocutores, principalmente os “judeus”, parecem não ter real interesse em saber qual a identidade daquele que está diante deles, querem antes condenar que conhecer.

³ Cf. KONINGS, 2005, p. 84-249.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

Corroborando a temática messiânica a verificação de que a Festa das Tendas gira em torno da dúvida essencial sobre a identidade do Messias: Seria ele o Cristo? (cf. Jo 7,26.31.40.48 etc.). O tema ganha contornos mais intensos quando reconhecemos o caráter messiânico subjacente na festa em questão. Segundo o profeta Zacarias, no dia do Senhor “acontecerá então que todos os sobreviventes das nações que tiverem marchado contra Jerusalém subirão, ano após ano, à cidade para se prosternarem diante do rei de todo poder, e para celebrar a Festa das Tendas” (Zc 14,16). Portanto, para a tradição profética, a celebração marca a soberania de YHWH sobre todos os povos e a sua realeza. Observando o caráter messiânico desta festividade, e, considerando que o último dia é o mais solene (Jo 7,37), podemos dizer que Jesus encontra uma grande oportunidade de manifestar sua messianidade.

De início, a palavra de Jesus ganha peso pelo verbo que é utilizado: excluir (*krázein*). A exclamação poderia ser entendida como uma convocação para que todo aquele que tem sede, venha a ele, e beba aquele que nele crê (cf. 8,37). Jesus utiliza o primeiro grande símbolo da festa para manifestar-se a seus interlocutores. Se, da piscina de Silóé (enviado), brota a água para a celebração litúrgica⁴; de Jesus, brota a água que jorra para a vida, dada pelo Enviado do Pai, que gera a liberdade e a alegria verdadeiras. Segundo Vasconcellos:

Na Festa das Tendas se recordavam milagres do passado, como o dom da água em pleno deserto, por meio de Moisés (cf. Ex 17,1-7); os textos da Escritura que eram proclamados nessa ocasião tratavam da fonte de água viva que deveria brotar de Jerusalém. Justamente no dia mais solene dessa festa, o próprio Jesus se apresenta como a água que sacia plenamente as necessidades humanas. É preciso arriscar, ir além das aparências e das certezas estabelecidas para encontrar o Messias e aderir a ele⁵.

⁴ Cf. KONINGS, 2005, p. 179.

⁵ VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho segundo João**: Para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 2018, p. 89.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

104

Essa autorrevelação tem como resultado uma divisão: uns acreditam e outros não (Jo 7,25-28.40-52). Basicamente, gera três opiniões: a) alguns dizem que ele é o profeta, provável alusão a Dt 18,18; b) outros que é o Cristo, que quer dizer o messias esperado por Israel; c) outros ainda dizem que o Cristo não pode vir da Galileia. Esta última afirmação serve para que o evangelista use de pitadas de ironia: embora os judeus afirmem conhecer Jesus, saber de onde vem, o evangelista deixa claro que não conhecem nem a ele, nem aquele que o enviou, o qual dizem ser o seu Deus (cf. 8,14.19). Essa incompreensão pode ainda fazer referência a Is 1,3, segundo o qual Israel não conhece nem compreende YHWH.

Esta primeira parte do texto (7,37-52) ressalta que a fé em Jesus como messias começa a entrar aos poucos nas várias camadas da sociedade judaica. A dúvida agora cerca também os guardas que testemunham o caráter profético diferenciado de Jesus: “ninguém nunca falou como este homem” (7,46). Em seguida, temos outra dose da ironia joanina. Ao perguntar se algum dos seus acreditaram nele, os fariseus não levam em consideração Nicodemos, que parece servir de personagem paradigmático para indicar os que eram do grupo dos fariseus e acreditaram na boa nova, mas abafaram a fé por medo dos “judeus” (cf. Jo 7,48-52). Porém, o caráter autorrevelatório se manifesta ainda mais claramente nas seções subsequentes.

3 JESUS, A LUZ EM MEIO ÀS TREVAS (JO 8,12-30)

Em Jo 8,12-20 encontramos, logo de início, a expressão revelatória “EU SOU” (*ego eimi*), alusão à fórmula revelatória de Ex 3,14. Logo em seguida aparece o tema da luz, segundo grande símbolo da Festa das Tendias. Durante esse período, o pátio das mulheres era ornamentado com grandes luminárias cuja luz clareava toda a cidade⁶. Podemos ver também uma alusão aos textos isaianos que proclamam uma luz divina a iluminar o caminho do povo para a salvação (cf. Is 9,1;

⁶ Cf. KONINGS, 2005, p. 181.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

49,6 etc.). Malzoni chama atenção para os três modos como essa expressão revelatória pode ser utilizada no quarto evangelho: uso simples, uso com predicado e uso absoluto⁷.

Jesus apresenta-se como luz do mundo por meio da expressão revelatória com uso do predicado, fazendo uma afirmação de si a partir de elementos do cotidiano⁸, a fim de gerar uma compreensão mais eficaz de sua pessoa. É essencial perceber que, no contexto messiânico subjacente na celebração, Jesus dá indícios de sua missão universal: Ele a luz do mundo! Conforme Konings, “‘Mundo’ tem aqui o sentido de destinatário da salvação, numa dimensão de universalidade. As palavras sobre ‘quem me segue’ participam desse sentido universal: significam os que se tornam discípulos de Jesus em todas as nações”⁹.

Outro elemento importante dessa perícopé é a contraposição entre Jesus e os fariseus: Jesus sabe de onde vem e para onde vai, ao passo que os fariseus ignoram (embora afirmem conhecer). Enquanto eles julgam de modo humano, Jesus não julga; mas, caso o faça, será segundo a verdade. O Filho conhece o Pai, os fariseus não. Tais elementos nos fazem entender que Jesus é aquele que ilumina o caminho do fiel em direção ao Pai, ao passo que os fariseus permanecem nas trevas do não conhecimento/experiência do Pai.

A seguir, o tema gira em torno da origem e do destino de Jesus (cf. Jo 8,21-30). O objetivo é intensificar a diferença radical entre ele e os fariseus, e nos revelar paulatinamente sua identidade messiânica. Jesus fala então de sua destinação. Vai para um lugar que seus opositores não podem ir (cf. Jo 8,21b), tal expressão mais uma vez parece enigmática ou incompreensível a seus interlocutores. A obscuridade da questão está no fato de os interlocutores de Jesus não possuírem a chave interpretativa para a questão. Jesus revela então a chave que abre a interpretação correta de suas afirmações: é preciso crer em nele (v.24). Somente a fé em Jesus,

⁷ Cf. MALZONI, Cláudio Vianney. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 170-171.

⁸ MALZONI, 2018, p. 171.

⁹ KONINGS, 2005, p. 182.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

106

como enviado do Pai, retira o ser humano de seu pecado, abrindo-lhe as portas do lugar aonde Jesus se encaminha.

Nesses versículos, a fórmula revelatória aparece duas vezes (vv. 24 e 28). Entretanto, por mais que tenha grande densidade teológica e busque expressar a identidade messiânica de Jesus, os interlocutores parecem incapacitados de reconhecê-lo como messias. O motivo aparece em 8,28: o processo revelatório alcançará seu ápice quando o Filho do Homem for elevado. Aqui encontramos dois detalhes importantes: a) Jesus se autoidentifica como “Filho do Homem”, tema já presente no Antigo Testamento e caro à terminologia escatológica judaica; b) na cruz sua identidade será revelada por completo.

4 ANTES QUE ABRAÃO EXISTISSE, EU SOU (JO 8,31-59)

Aqui, Jesus se dirige aos judeus que, de algum modo, acreditaram nele. Parece remeter a algumas pessoas que apresentaram uma fé inicial em Jesus, mas foram incapazes de aprofundá-la. Nesse sentido, o texto nos faz perceber que não basta acreditar em Jesus, é preciso permanecer em sua Palavra, reconhecida como expressão da voz do Pai. É Ele quem envia o Filho para anunciá-la. Tal Palavra serve para autenticar o discipulado, revelando a verdade ao discípulo. Esse conhecimento liberta-o do jugo do pecado ou do erro. Diante desta argumentação, surge uma acalorada discussão.

Os interlocutores de Jesus reivindicam a linhagem de Abraão para atestar sua liberdade diante da alusão feita por Jesus de uma vida escrava por parte deles (8,32). Embora os interlocutores rejeitem a hipótese de uma vida semelhante, o Jesus revela uma escravidão mais profunda: aquela do pecado. Diante disso, acontecem duas revelações sobre a pessoa de Cristo: a princípio ele é o Filho, aquele que tem uma relação diferenciada com o Pai; em seguida, afirma seu poder de libertar o ser humano do jugo do pecado. Sua relação com o Pai começa então a ser explicitada com mais ênfase, embora seus interlocutores prefiram não escutá-lo.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

O discurso do Filho se fundamenta naquilo que ele mesmo viu junto do Pai (v.38), quer dizer, fala com conhecimento de causa, como quem vem da intimidade do Pai, pois ouviu diretamente dele (Jo 8,40). No v. 42 Jesus aparece como aquele que procede do Pai, e tal procedência parece ser uma alusão à preexistência de Jesus, indicando novamente seu caráter único na história da salvação. Esse caráter único o faz revelar algo novo: “quem guardar minha Palavra jamais verá a morte” (8,51), pois sua Palavra conduz essencialmente à vida. Esta novidade assusta e inquieta.

Mais uma vez surge a pergunta essencial sobre a identidade de Jesus. Será maior que Abraão ou os profetas que morreram (8,53)? Em resposta, Jesus afirma: Abraão exultou por ver o seu dia, aludindo ao tema do Dia de YHWH, tão caro à tradição profética. Ao ser rechaçado por conta da idade, Jesus faz a revelação mais chocante da perícopre analisada: “antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8,57). Se em todas as autorrevelações anteriores os judeus simplesmente não entendiam a profundidade das palavras de Jesus, agora entendem e rejeitam taxativamente, tentando apedrejá-lo.

Malzoni chama atenção para a diferença estabelecida entre Jesus e Abraão a partir dos verbos utilizados. A diferença, já utilizada no prólogo para distinguir a Palavra das coisas criadas, reaparece para indicar a distanciamento radical entre o Cristo que é (*eimi*) e Abraão, que vem a ser ou passa a existir (*gínomai*)¹⁰. Por sua vez, Konings corrobora a ideia reconhecendo no “Eu sou” um autocredenciamento divino de Jesus¹¹. Portanto, com essa expressão, “Jesus pronuncia a presença de Deus em sua pessoa”¹².

Fazendo uma clara alusão à expressão revelatória de Ex 3,14, Jesus revela possuir semelhanças com o Deus altíssimo. Essa aproximação revela um dado inovador e impensável para o judaísmo, Jesus é o Filho enviado de junto do Pai, por isso conhece sua intimidade e fala com autoridade, pois conheceu o mais profundo

¹⁰ Cf. MALZONI, 2018, p. 175.

¹¹ KONINGS, 2005, p. 185.

¹² KONINGS, 2005, p. 190.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

108

do Deus de Israel. Nesse sentido, Jesus é a luz que ilumina e guia a humanidade em sua caminhada rumo a Deus, tal qual a coluna de fogo que conduzia o povo de Israel rumo à liberdade (cf. Ex 13,21). Ainda, à semelhança do Deus do Êxodo, Jesus é o libertador que conduz o gênero humano para a vida verdadeira. É ele aquele que realiza as esperanças de Israel, todavia foge do imaginário dos líderes da religião judaica, os quais o perseguem, o rejeitam e o matam.

CONCLUSÕES

Em meio a um contexto de intriga e de disputa, Jesus se aproveita da Festa das Tendões para manifestar a verdade mais profunda de si, sua estreita relação com o Pai. Contudo, muitas são as resistências impostas por seus opositores, os quais tentam, com todas as forças, desautorizar suas pretensões messiânicas.

A fim de apresentar Jesus como aquele que realiza a esperança messiânica de Israel, a tradição joanina atesta um Jesus que se apropria de vários elementos importantes do judaísmo para revelar sua verdadeira identidade. No entanto, ele supera as expectativas da tradição de seu povo. Não é apenas o Profeta ou o Messias, mas o Filho do Pai, pré-existente e divino. Como verdadeiro enviado do Pai, sua Palavra tem poder libertador e soteriológico, uma vez que provém do mais profundo daquele que o enviou.

Essa estreita ligação com o Pai pode ser percebida através da expressão revelatória “Eu Sou”, que comporta um sentido teológico denso, pois se liga ao nome de Deus revelado em Ex 3,14. Por meio dessa expressão, o autor do quarto evangelho confirma messianismo de Jesus e, principalmente, sua pré-existência e sua divindade, deixando claro aos leitores o caráter diferencial do Unigênito.

REFERÊNCIAS

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**. Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

109

KONINGS, Johan. O tema do Messias no quarto Evangelho. **Estudos Bíblicos**. Nº 52, 1997, p. 88-98.

MALZONI, Cláudio Vianney. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Comentário Bíblico Paulinas).

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lendo o evangelho segundo João**. Para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 2018.